

**PANORAMA DA PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO CENTRO OESTE
NAS DÉCADAS DE 1990 E 2000**

*AN OVERVIEW OF THE HISTORIOGRAPHY OF THE HISTORY
GRADUATE PROGRAM IN THE BRAZILIAN MIDWEST IN THE
DECADES OF 1990 AND 2000*

Tiago de Jesus Vieira

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

tiago.vieira@ueg.br

João Paulo de Paula Silveira

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

joao.paulo@ueg.br

Ronan Bezerra de Araújo

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

ronantecnico123@gmail.com

Resumo: o presente estudo procura mapear a produção historiográfica dos programas de pós-graduação do centro oeste brasileiro nas décadas de 1990 e 2000. Problematizamos a pluralização dos itinerários historiográficos e procuramos compreendê-la como resultado do contato com a paisagem historiográfica internacional e o ingresso na acadêmica de sujeitos oriundos de vários lugares sociais e identitários.

Palavras-chave: Historiografia, Centro Oeste, Programas de Pós-Graduação.

Abstract: the present study aims to map the historiography of the graduate programs in the Midwest of Brazil in the decades of 1990 and 2000. We problematize the pluralization of the historiographical itineraries and we try to understand them as a result of the contact with the international historical landscape and the academic admission of subjects from various social and identity places.

Key-words: Historiography, Brazilian Midwest, Graduate Program.

A década de 1990 se estabelece como um período que passara a impor novos dilemas a sociedade brasileira, permeando desde a vida cotidiana até as reflexões sociais conferidas dentro das universidades. Nesse meio, o abandono de determinados paradigmas e até mesmo a discussão sobre o “fim da História” apareceram na forma de tendência, em função da enunciada fragilidade que supostamente possuíam ao refletir acerca dos novos dilemas que o mundo agora produzia.

Nessa linha, é indiscutível que a década de 1990 contribuiu para o equacionamento do abismo que existia entre aquilo que era produzido aqui e o que era produzido mundo afora. Decorrencia, até mesmo, da própria dinâmica da globalização, que se aliou à abertura política da década anterior, assim, os principais trabalhos produzidos no exterior passaram a chegar com maior celeridade em terras nacionais, incidindo no favorecimento à emergência de novos campos de estudo. Assim, a produção historiográfica experimentou a pluralização de perspectivas e escopos na medida em que as restrições impostas pelo regime civil-militar foram dissolvidas e novas redes de troca de experiência intelectual em nível global se estabeleceram.

Por outro lado, transformações nas estruturas econômica e social vivenciadas no Brasil, que tiveram início na década de 1990, tornaram-se mais perceptíveis nos anos seguintes. Um sintoma desse quadro foi a expansão do acesso ao ensino superior, conforme indica o estudo realizado por Aparecida da Silva Xavier Barros (2015, p. 363), que ressaltou que entre 2001 a 2010 houve um crescimento global de 110% no total de matrículas realizadas nas universidades brasileiras. Neste contexto a rede federal também registrou um aumento na ordem de 85,9% na oferta de vagas.

Embora seja inegável a evolução relativa ao acesso ao ensino superior alavancada, sobretudo, pela expansão da rede privada, “a taxa de escolarização líquida da população brasileira de 18 a 24 anos [ainda continuou sendo] baixa: 14,4%”, cabendo destacar que, dessas vagas apenas 26% foram geradas no setor público (BARROS, 2015, p. 362). A expansão do ensino superior inevitavelmente também demandou uma elevação na oferta de vagas nos cursos de pós-graduação, de ordem, *stricto sensu*. Nesse sentido, de acordo com pesquisa empreendida por Claudia Cirani, Milton Campanario, Heloisa Silva, tomando como referência os dados da CAPES¹, houve no Brasil, entre o período entre 1999 e 2011, um aumento de 71,5% na oferta de

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

cursos de mestrado e 100,8% em doutorados. O mesmo estudo observou, quantitativamente, que essa evolução no volume dos programas de pós-graduação brasileiros, também ocasionou um processo de descentralização destes cursos que, anteriormente, estavam aglutinados quase que hegemonicamente na região Sudeste. Dessa maneira, nesse período foi notada uma elevação de (441,7%) desses cursos na região Norte, (229,7%) no Centro-Oeste, (210,2%) no Nordeste e (154,1%) no Sul. Ademais, no tocante as áreas do conhecimento essa pesquisa constatou que as áreas que apresentaram maior crescimento foram Multidisciplinar (1083%), Ciências Sociais e Aplicadas (204,7%) e Ciências Humanas (145,2%) (CIRANI; CAMPANARIO; SILVA, 2015, 173 - 175).

Em meio à expansão da pós-graduação brasileira, acompanhou-se um notável amadurecimento da área de História, conforme enunciou Estevão de Rezende Martins (2011, p. 211 – 212) que enfatizou que a organização dos programas através de áreas de concentração, e conseqüentemente sua estruturação através de linhas de pesquisa proporcionou avanço e diversificação dos objetos históricos estudados.

A partir disto, é necessário considerar dois fatores para compreensão da referida diversificação dos objetos de pesquisa pelos historiadores. A notável interiorização da universidade brasileira, que, por sua vez, passara a ter maiores condições de privilegiar temas que remetessem a dinâmica regional, assim como a perceptível pluralização de postulados teóricos que gradativamente passaram a ser utilizados pelos historiadores a partir da década de 1990. Esse processo complexo, que certamente envolve o ingresso no campo historiográfico de novos indivíduos inscritos em diversos lugares sociais, políticos e indenitários, permitiu o que acreditamos ser a pluralização de abordagens a partir do entretencimento de perspectivas capazes de traduzir e enriquecer o horizonte teórico e metodológico assimilados de outras paisagens historiográficas.

Diante deste cenário, torna-se extremamente oportuno compreender, no âmbito dos programas de pós-graduação em História Centro-Oeste brasileiro: quais as principais características nortearam a produção historiográfica empreendida nas décadas de 1990 e 2000?

A partir desse problema, o presente artigo divisou a análise das teses e dissertações desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em História sediados no

Centro-Oeste brasileiro entre os anos de 1991 e 2010. O propósito foi quantificar quais foram as principais tendências de investigativas no tocante à área de História regional.

Para tanto, a investigação tomou como fonte os repositórios virtuais dos Programas de Pós-Graduação, podendo eventualmente, em virtude do não depósito de alguns exemplares, não representar o resultado exato. Contudo, em função do elevado volume e da boa organização destes repositórios acredita-se ter chegado à quantitativos próximo da totalidade.

PANORAMA

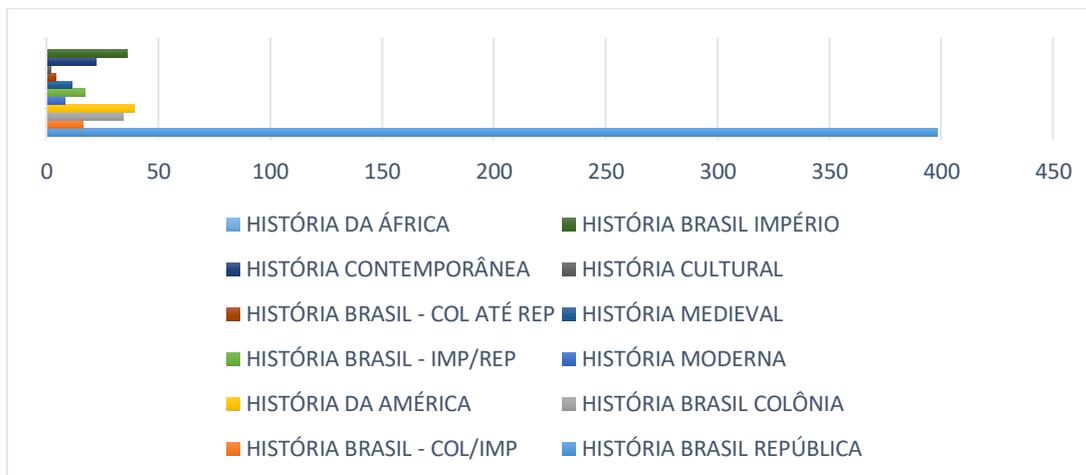
Desta feita, foram identificados um total 604 trabalhos desenvolvidos no bojo dos programas de pós-graduação do centro oeste entre 1991 e 2010, sendo: 357 produzidos no programa da Universidade Federal de Goiás, destes 259 dissertações e 98 teses; 114 defendidos na Universidade de Brasília, 84 dissertações e 30 teses; 98 dissertações na Universidade Federal da Grande Dourados; 86 dissertações na Universidade Federal de Mato Grosso; 34 dissertações na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Após este mapeamento, partiu para sistematização/classificação dos trabalhos acadêmicos, cabe destacar que para tal tarefa foi empreendido a leitura de parte substancial da referida produção, para tanto foi primordial a participação de dois bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás.

Esta sistematização procurou agrupar os trabalhos levando em consideração duas dimensões: a primeira temporal/disciplinar com a intenção primordial de identificar o recorte temporal disposto em cada uma das investigações, procurando ajusta-los aos recortes disciplinares recorrentemente empreendidos nos cursos de graduação em História; já a segunda é relativa ao campo do conhecimento histórico, levando em consideração exclusivamente as divisões primárias a saber, história cultura, história econômica, história política e história social.

Sendo assim, a presente pesquisa identificou o seguinte:

Quadro 01 – Quadro Geral de teses e dissertações 1991 – 2010 (recorte temporal/disciplinar)

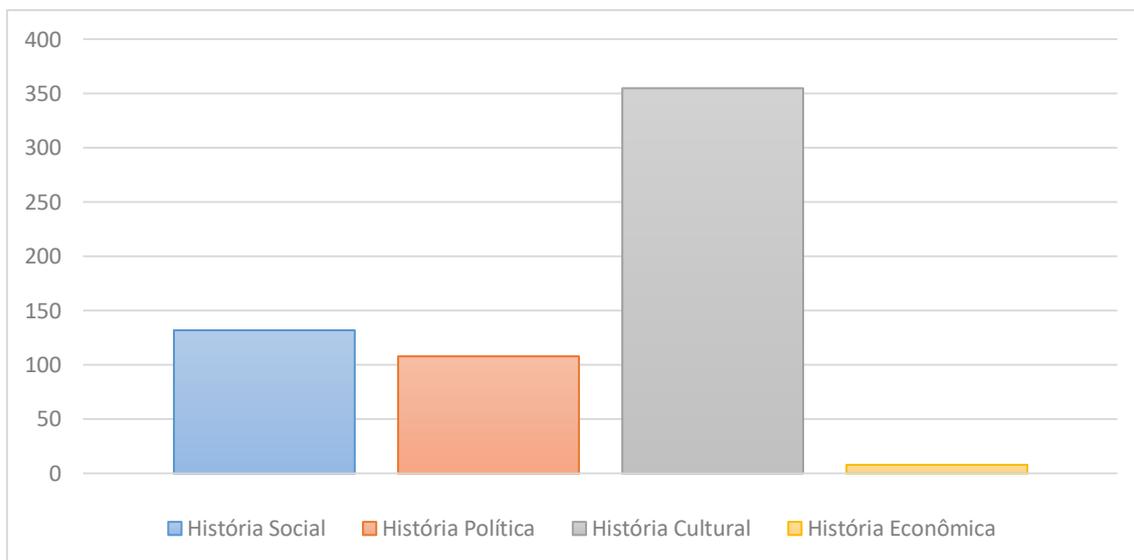


Fonte: Dados da Pesquisa com os Programas de Pós-Graduação em História do Centro Oeste

Como disposto no quadro, os recortes temporais/disciplinares dispostos nas investigações permitem os seguintes resultados: 398 trabalhos inscritos na temporalidade da História do Brasil República; 39 História da América; 36 História do Brasil Império; 34 História do Brasil Colônia; 22 História Contemporânea; 17 História Antiga; 17 apresentaram recortes que transitam entre História do Brasil Império e República; 16 entre História do Brasil Colônia e Império; 11 História Medieval; 08 História Moderna; 04 dispõe de recortes partem da História do Brasil Colônia e vão até ao Brasil República; 02 História da África.

No que concerne ao campo do conhecimento histórico foi possível elaborar o este quadro:

Quadro 02 - Quadro geral tese e dissertações 1991 a 2010 (campo do conhecimento histórico)



Fonte: Dados da Pesquisa com os Programas de Pós-Graduação em História do Centro Oeste

Tal qual exposto no quadro pode-se identificar que 356 trabalhos apresentam postulados teóricos metodológicos que permitem a alocação destes como de História Cultural, 132 em História Social, 108 em História Política e 08 em História Econômica.

Ao analisar os dados torna-se possível inferir a partir da tabela 01 que a história republicana brasileira ocupa importante espaço na produção historiográfica em questão, seguida logo depois pela História da América. Isso se deve ao acesso relativamente direto com campo da experiência republicana e latino-americana, o que certamente acontece com outros programas no território regional/nacional. O mesmo, contudo, não acontece com a História Contemporânea que, a despeito do mesmo acesso, é preterida por outros recortes da História do Brasil. Em outras palavras, os dados dessa tabela nos permitem contemplar que o interesse pela história do Brasil, em seus diversos recortes, se destaca em relação aos outros momentos da experiência temporal humana.

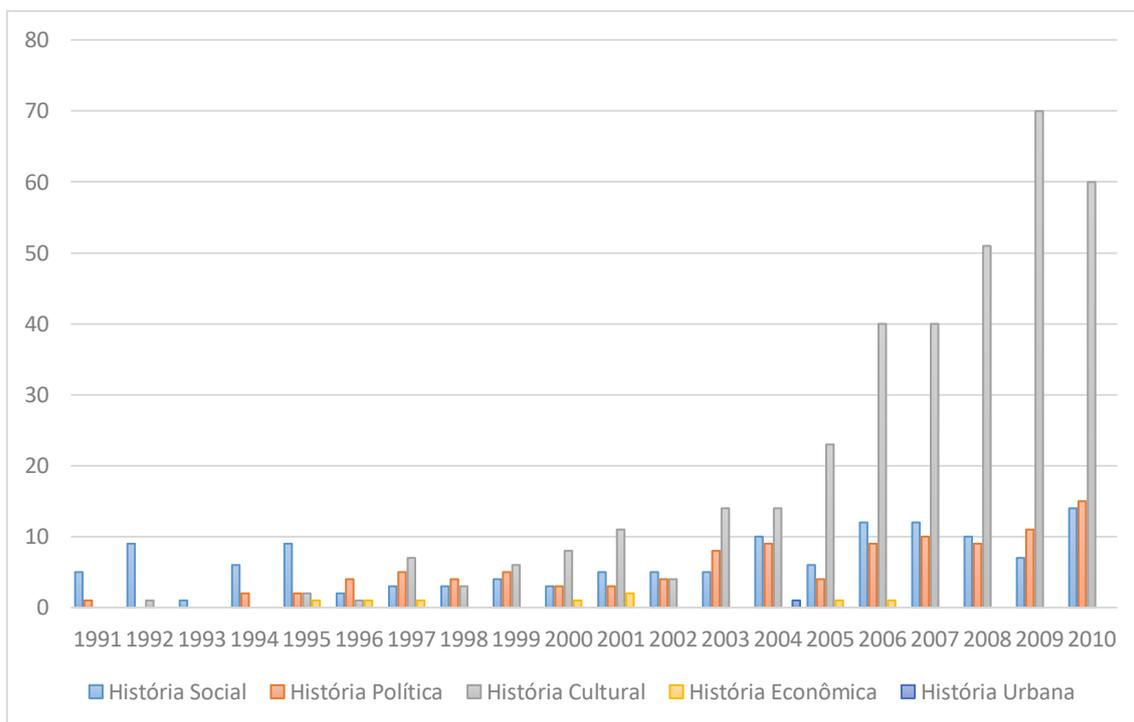
Se a história brasileira, sobretudo do período republicano, tem a predileção dos pesquisadores. Já na tabela 02 apresenta o lugar da história cultural nas pesquisas, de longe a preferência teórica dos estudos feitos nos programas de pós-graduação que pesquisamos, seguido da história social e política. A história econômica é a que menos estimulou a produção de pesquisas.

Esses dados nos permitem vislumbrar que os estudos desenvolvidos no âmbito da história cultural, em primeiro lugar, e social, em segundo, estão relacionados principalmente à história brasileira. Se considerarmos o interesse pela história republicana apresentado na primeira tabela, é possível afirmar que a maioria das pesquisas desse período são de história cultura e social. A predileção, como compreendemos, se vincula às transformações operadas no século passado que transformaram a experiência social do povo brasileiro.

Essas transformações dizem respeito à ampliação dos dispositivos modernos que, na sociologia de Antony Giddens (2002), estimularam o desencaixe das relações tradicionais e a radicalização da reflexividade individual que cada vez mais se orientava por saberes e expectativas translocais. Nesse contexto de liquefações dos arranjos sociais que pareciam cristalizados e de invenções de novas tradições, o cultivo da consciência histórica é ampliado tanto dentro quanto fora da academia. Assim, as expectativas e as demandas contemporâneas de sentido provocadas pela experiência no presente promoveram novos problemas e olhares em relação ao passado.

Nessa linha, a tabela 03, disposta abaixo, confirma tal dinâmica elucidando que a partir de 1997 a História Cultural se torna a dimensão primária mais utilizada nas produções acadêmicas.

Quadro 03 – Teses e Dissertações 1991-2010 (dimensão primária)



Fonte: Dados da Pesquisa com os Programas de Pós-Graduação em História do Centro Oeste

Parece-nos, contudo, que outra possibilidade pode ser contemplada: o lugar social do pesquisador. Em um sentido próximo da abordagem de Michael De Certeau (2002), compreendemos que o lugar social do pesquisador no contexto pós-ditadura e de pluralização de abordagens criou novas possibilidades reflexivas. Inscritos em uma realidade menos tensa politicamente e, ao mesmo tempo, inclinada às questões identitárias típicas de nosso tempo², o pesquisador parece se inclinar para um objeto de estudo que lhe permita compreender com maior clareza os múltiplos fios que teceram a realidade brasileira contemporânea. . Esse lugar é cada vez mais plural e complexo na medida em que os sujeitos transitam entre dimensões da experiência que imbricam o local e o planetário e toda a sorte de relações de poder que, em níveis distintos,

² A questão identitária em Giddens diz respeito ao processo de destradicionalização operada pela modernidade. Na medida em que as formas tradicionais da experiência humana foram solapadas, surgiram demandas por ordenamentos capazes de estruturar a experiência humana. A identidade se torna uma questão, portanto, em situações de crise de sentido dos arranjos de pertencimento “tradicionais”. Com a restauração da democracia brasileira, as múltiplas vozes oriundas de lugares distintos, algumas vinculadas aos movimentos sociais, procuravam elaborar suas identidades a contrapelo do status quo e da narrativa histórica do qual faziam uso. Os novos interesses pelo passado, novas abordagens, expressam a experiência de vida no presente. Cf. GIDDENS, Antony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

influenciam o entendimento de mundo. Em outras palavras, a preferência do pesquisador não se deve apenas ao seu pertencimento nacional, mas sobretudo ao contexto em que as discussões identitárias interpelam através da história cultural a experiência do povo brasileiro durante a república e de recortes mais longevos.

Como efeito disso, o paradigma marxista sentiria a maior derrocada, apesar de no início da década, praticamente ter hegemonizado a produção do conhecimento histórico no Brasil, no final desse período se constituía apenas como um forte nicho de investigação, perdendo cada vez mais espaço para as investigações orientadas pelos paradigmas da História Cultural, que, por sua vez, demonstrou-se um fecundo terreno para temas como arte, religião e a questão urbana (REIS, 2015). No entanto, a receptividade às “novas tendências” nas universidades brasileiras não foi unânime e por completa, como efeito disso Jurandir Malerba (2002, 195) pondera que “Queiram ou não, [...] todos os historiadores brasileiros são um pouco marxistas. Isso porque não há tema ou período da história do Brasil cuja investigação historiográfica não aponte para alguma matriz marxista fundamental”.

CONSIDERAÇÕES E/OU NOVAS POSSÍVEIS REFLEXÕES

A pluralização dos itinerários de pesquisa favoreceu o aumento dos programas de pós-graduação. Além dos intercâmbios intelectuais oportunizados pelo fim do regime civil-militar, a pluralização institucional foi estimulada pela diversificação dos sujeitos inscritos em lugares sociais e culturais particulares que aspiraram à pesquisa. Essa realidade, típica de uma ordem mais democrática em que o acesso ao ensino é maior, permitiu que a experiência temporal fosse interpretada a partir de novas carências de orientação trazidas para a universidade por discentes e pesquisadores inscritos em lugares sociais e indeníveis contemporâneos. Em outras palavras, “o passado não está morto, mas plenamente vivo na evolução das circunstâncias e dos ordenamentos atuais da vida” (RÜSEN, 2016, p.91).

Torna-se ainda oportuno considerar que as produções acadêmicas desenvolvidas pelos investigadores, independente do campo do conhecimento, apresentam como respostas as demandas de seu tempo e inevitavelmente se presentificam em seus estudos de maneira, por vezes, imperceptiva. Como efeito disso, Paul Ricoeur postula:

[...] o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. Ou, como será frequentemente repetido nessa obra: o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal (RICOEUR, 1994, p. 15).

Por essa ótica, estão inscritos, em todos estudos, percepções sociais que foram formuladas em resposta às demandas daquela conjuntura, em decorrência de diversos estímulos linguísticos e culturais, que, por sua vez, são contraditórios e conflitantes, e que se hibridizam num espaço intersticial, o *locus de enunciação*³ que invisivelmente inscreve o modo de: “como se fala?”; “para quem se fala?”, “em resposta a que se fala?”. Nessa perspectiva, tão determinante como os efeitos temporais que “determinam” as modulações identitárias por parte dos pesquisadores, também se inscrevem os aspectos ideológicos, como expõe Keith Jenkins:

A ideologia penetra todos os aspectos da história, aí incluídas as práticas cotidianas para produzir a história naquelas instituições que, em nossa sociedade, são destinadas principalmente a tal propósito – em especial as universidades (JENKINS, 2001, p. 43).

Assim, mesmo que estes efeitos ocorram de forma involuntária possuem ações determinantes sobre as reflexões que estão inscritas em seus trabalhos. Dessa maneira, também se faz necessário compreender, em concomitância, o contexto que eventualmente influenciaram as escolhas dos pesquisadores, como bem orientou Michel de Certeau (2002), através de sua concepção de lugar social.

Por conseguinte, resta ainda todo um horizonte a ser elucidado a fim de ler as linhas “invisíveis” do lugar social dessas investigações. Cabendo a futuras investigações empreender uma profunda historicização dos elementos que compuseram o “lugar social” das produções aqui quantificadas.

Por fim, vale ressaltar, que a historiografia sempre será um espaço privilegiado para que futuras investigações que, sobretudo, busquem compreender essas novas interpelações à história lançadas pela realidade social mais abrangente, incluindo aqueles grupos que assumem um viés amiúde revisionista e que, em grande medida, reatualizam as narrativas históricas que no passado recente de ditadura plasmava o *status quo* político. É imprescindível para o desenvolvimento do conhecimento histórico a pluralidade de perspectivas que, no âmbito propriamente científico, presume

³ Cf. BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 1998.

o domínio teórico e metodológico que permite à história, como disciplina científica, escapar do assédio do amadorismo revisionista. Possivelmente, esse serão os novos desafios para todos os programas de Pós-Graduação em História em nosso país.

Referências

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educação e Sociedade**. Campinas. v.36, n. 131, p.361-390, abr./jun. 2015.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In:_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p.65-119.

CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino do pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposição para pesquisa. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015. p. 170.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. tradução Mario Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

MALERBA, Jurandir. Notas à margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. **Textos de História**, v. 10, n. 1/2, p. 181-211, 2002.

MARTINS, Estevão de Rezende. Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. **Revista portuguesa de história**, Coimbra/ Portugal, n. 42, p. 197-214, 2011.

REIS, Thiago Felipe dos. A produção historiográfica da Revista História: questões e debates – uma contribuição à história da historiografia paranaense. In: **Anais: II Congresso Internacional de História UEPG – Unicentro**, 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: Tomo 1. Campinas, SP Papyrus, 1994.

RÜSEN, JÖRN. **Teoria da história**: uma teoria da histórica como ciência. Curitiba/PR: Editoria UFPR, 2015.

SOBRE OS AUTORES

João Paulo de Paula Silveira

Doutor em Sociologia das Práticas e Representações Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2016). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2006) e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2008). Possui experiências em Sociologia das Religiões, com ênfase em Novos Movimentos Religiosos e espiritualidades contemporâneas. Possui experiência na área de História, com ênfase em História das religiões. Entre Agosto de 2014 e Junho de 2015 foi Visiting Scholar (CAPES-PSDE) no Department of Sociology and Legal Studies na University of Waterloo, Waterloo, Ontário, Canadá. Atualmente, é docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás - Campus Iporá e docente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Goiás - Campus Morrinhos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5475013709683806>

Tiago de Jesus Vieira

Docente de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Goiás, Campus Iporá, pertencente ao quadro efetivo de professores. Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008), Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012), Doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Cultura e Identidades (NECI) e do Laboratório de Estudos de Memória Patrimônio e Ensino de História (ETRÚRIA). Tem experiência na área de História e Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade Punk, Historiografia, Jogos Eletrônicos, Relações de Poder e Memória.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3653799090692079>

Ronan Bezerra de Araújo

Cursa graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Iporá.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6227896200021382>

Recebido para publicação em março de 2020

Aprovado para publicação em junho de 2020